

O DESPERTAR DA LEITURA E ESCRITA NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA

Ilaneide Marques Souto Bezerra¹
Ednardo Sousa Bezerra Júnior²
Ilani Marques Souto Araújo³
Aratricia Maria Martins Freire⁴

RESUMO

As práticas de leitura e escrita podem oportunizar experiências que propiciam, ampliam e solidificam os conhecimentos durante o processo de aprendizagem, no entanto, torna-se necessário que sejam trabalhadas de forma efetiva durante toda a infância, desde o momento de sua aquisição, posto que, o prazer em ler e escrever está relacionado muitas vezes à qualidade das práticas ofertadas. A leitura amplia o campo cognitivo e social da criança de forma que a capacidade de imaginar fatos diferentes e explorar situações antes não vivenciadas tornem-se cada vez mais presentes no dia-a-dia da sala de aula. Acredita-se, portanto, que é imperativo o desenvolvimento de estratégias que envolvam ações pedagógicas que incentivem o hábito da leitura e escrita, como práticas agradáveis, expressivas e imbuídas de significados. Esse trabalho é de cunho qualitativo, de natureza bibliográfica com estudo de caso desenvolvido em uma Escola da Rede Municipal de Itapipoca-CE. Objetivou-se fazer um aprofundamento acerca das ações que envolvem o ato de ler e escrever, verificando as ações implementadas pelos docentes para o despertar dessas práticas e para o fortalecimento e desenvolvimento de leitores fluentes, além de buscar compreender os seus benefícios. Os resultados apontam que uma criança que é submetida a práticas prazerosas de leitura tenderá a desenvolver um vocabulário mais ampliado e conseqüentemente terá facilidade para escrever, além de desenvolver com mais precisão a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Escrita, Desafios, Práticas, Infância.

INTRODUÇÃO

O uso da leitura e conseqüentemente da escrita tem se tornado cada vez mais um desafio no contexto das salas de aulas e permeado as discussões e preocupações entre os profissionais do magistério, pois, tem se observado o quanto os alunos estão fazendo pouco uso dessas práticas.

¹ Pedagoga, formada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em Psicopedagogia – INTA; Gestão Escolar – UVA e Atendimento Educacional Especializado – INTA.

² Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Especialista em História do Brasil – FALC e Gestão Escolar e Coodenação Pedagógica – FAK.

³ Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Especialista em Psicopedagogia Clínica - INTA e Atendimento Educacional Especializado - INTA.

⁴ Pedagoga, formada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em Psicopedagogia Clínica – INTA.

Ler e escrever podem ser considerados como uma das portas de acesso ao conhecimento, posto que, a leitura e a escrita são essenciais para a consolidação de diferentes habilidades ao longo da vida. Mesmo assim, comumente se observa no cotidiano das escolas e na sociedade de maneira geral que muitos indivíduos não aprenderam a ler ou possuem pouca ou nenhuma afinidade com essas duas práticas.

Por muito tempo, a leitura foi entendida unicamente como ato de decodificar letras em sons e a escrita como uma forma de codificar as letras. Com as mudanças ocorridas na sociedade às competências exigidas aos indivíduos são postas de forma abrangente, e, frente à competitividade provocada pelas novas formas de organização do trabalho, é demandado as pessoas, mais criticidade, compreensão, atitude, esforço e inquietação, habilidades que podem facilmente ser desenvolvidas a partir de uma prática efetiva de leitura e escrita.

Nessa perspectiva, entende-se que o contato com a leitura e escrita devem ser viabilizados de forma mais efetiva desde a infância, com atenção especial no momento de apropriação do código alfabético, pois, quanto mais cedo for estimulado e apresentado o mundo letrado às crianças, maiores serão as possibilidades para o desenvolvimento de efetivos leitores. Entende-se que através das práticas de leitura e escrita a criança será capaz de explorar o seu mundo e o mundo do outro, de forma que possa criar e pensar em situações diferentes e vivenciar um mundo imaginário.

Partindo desse entendimento, esse trabalho objetivou fazer um aprofundamento acerca das práticas que envolvem o ato de ler e escrever, verificando as estratégias implementadas pelos docentes para o despertar dessas práticas e para o fortalecimento e desenvolvimento de leitores fluentes, além de buscar compreender os seus benefícios, tomando como sujeitos dessa pesquisa os professores da educação infantil e dos anos iniciais de uma escola da Rede Municipal de Itapipoca-CE.

METODOLOGIA

Esse trabalho é de cunho qualitativo, de natureza bibliográfica com estudo de caso desenvolvido em uma Escola da Rede Municipal de Itapipoca-CE. Teve como sujeitos os professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa qualitativa se baseia nos significados e na interpretação dos textos lidos pelo pesquisador, pelas suas crenças, pelo seu modo de pensar e agir tendo em foco as situações vivenciadas.

Na elaboração da pesquisa bibliográfica do presente trabalho foram estudados alguns autores, dentre eles Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Marlene Carvalho. Para reflexão da temática em questão, foram realizadas discussões com os professores e observação direta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por muito tempo, a leitura era vista tão somente como ato de decodificar as letras em sons e a escrita como uma codificação. Com as mudanças que vem ocorrendo na sociedade às competências exigidas aos profissionais são postas de forma abrangente, e, frente à competitividade provocada pelas novas formas de organização do trabalho, é demandado aos indivíduos mais criticidade, compreensão, atitude, esforço e inquietação, habilidades que podem facilmente ser desenvolvidas a partir de uma prática efetiva de leitura e escrita, que vão além da codificação e decodificação das letras e sons.

Frente ao exposto, percebe-se que as habilidades exigidas na sociedade atual relacionadas à leitura estão cada vez mais seletivas. As pessoas mudam, o mundo se transforma e as demandas vão intensificando seu grau de complexidade. O que antes era suficiente, hoje já não é. Conseqüentemente, não basta desenvolver a habilidade de codificação e decodificação das letras, é preciso ir além, é imprescindível transpor o contexto que envolve o ato de ler, e, adentrar na sua essência.

Atualmente, mesmo com tantas discussões envolvendo essa temática e tantos projetos e programas desenvolvidos para sanar essas fragilidades, ainda pode ser visto um grande número de alunos que não conseguem ler e escrever. Percebe-se ainda que muitos estudantes estão concluindo os anos finais do ensino fundamental com pouca habilidade nessas duas práticas.

Corroborando com essa assertiva, Carvalho (2005, p. 09) enfatiza que: “Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo. Do ensino fundamental à universidade, professores se queixam de que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar”.

Infelizmente, alguns indivíduos ainda vêem a leitura apenas como uma mera decodificação do que está escrito, como se fosse simplesmente uma atividade de memorização, nessa perspectiva, a mesma passa a ser algo sem sentido, causando prejuízos para a vida futura dos alunos. Nesse sentido, é necessário deixar claro que ler vai além da decodificação das letras, visto que, é necessário conhecer (letras), e, além disso, é imperioso

elucidar o que está escrito, como tão bem pontuou Oliveira e Castro (2008, p. 10): “uma coisa é ler. Outra coisa é compreender”. Carvalho (2005, p. 09) acrescenta que: “A leitura é uma atividade complexa e muito se tem pesquisado para descobrir os seus mistérios”.

Ler é um processo de atribuição de significados, e, a partir de dados que o sujeito já possui, o mesmo interage com o texto construindo a sua própria interpretação, como postulou Freire (2001.p.9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Essa asserção mostra que o ser humano lê o que o rodeia, isso posto, tudo o que está a sua volta é uma leitura.

Freire (1992) ainda defende que ler é como estudar e não pode ser compreendido como simples passatempo, pois é uma ação valorosa, onde os que lêem procuram clarear as dimensões obscuras que estão por trás do estudo.

Nesse entendimento, a leitura reflete também uma contemplação sobre a prática, sendo que, a mesma é necessária para todas as atividades do dia-a-dia. Assim posto, o indivíduo não deve mecanizar o conteúdo de um texto, mas galgar uma visão crítica e profusa daquilo que está lendo e, por conseguinte, as demais situações.

Vê-se que o ato de ler vai muito além da decifração das palavras, versando numa atividade de percepção, que pela sua multiplicidade, torna-se um fator prevacente na sociedade atual, onde aumentam cada vez mais as exigências. Compreender o mundo é apropriar-se de sua essência, “Conhecer esses valores e essas ideias na sua interioridade, significa também, pensar sobre eles, desenvolvendo uma posição crítica e própria”. (FREIRE, 2001, p.23). Acrescente-se ainda Carvalho (2010), que diz que as experiências vivenciadas anteriores a leitura, vão influenciar o leitor e sua capacidade de interpretação e crítica.

Salienta-se, nesse sentido, que a leitura pode oportunizar a criança o aprimoramento de seu conhecimento sobre o mundo, viabilizando que a mesma compare, questione, analise e observe com mais clareza os acontecimentos, uma vez que, a partir do hábito de ler o ser humano se torna uma pessoa capaz de enxergar além dos registros escritos, e essencialmente produzir ideias.

As primeiras práticas de leitura devem ser apresentadas na infância, posto que, é nesse período que as crianças se apropriam de conhecimentos que as ajudam a desenvolver atitudes e habilidades para o convívio social. “O bom leitor não se faz por acaso. Muitos são formados na infância, em famílias que podem lhes oferecer contato com a literatura infantil e em escolas que proporcionam experiências positivas no início da alfabetização” (Ibid, 2010, p.11).

Ressalta-se que, a aprendizagem deve estar canalizada para o pleno exercício da cidadania, instigando o aluno a participar e a tomar suas decisões, exercendo autonomia de

pensamento. Ser capaz de pensar e apropriar-se dos valores da sua cultura. Destarte, ler é sem dúvida uma atividade que pode e deve ser exercida por qualquer indivíduo em qualquer etapa da vida.

Com a mesma importância dada ao ato de ler, destaca-se a relevância da escrita, pois, escrever também é uma habilidade que demanda talento, criatividade e desenvoltura de lidar com palavras. É perceptível no cotidiano das escolas, que as pessoas que possuem estreitas práticas de leitura desenvolvem maior inclinação para a escrita, uma vez que, leitura e escritas são duas práticas indissociáveis.

A escrita sempre foi importante em todos os aspectos do mundo social. À mesma surgiu há alguns anos atrás, e foi representada de forma diferente em cada período histórico. Para Cagliari (2010, p.91): “A história da escrita vista no seu conjunto [...] pode ser caracterizada como tendo três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética”.

A fase pictórica é conhecida como a escrita através de desenhos, como exemplo pode-se citar os homens primitivos que sentiram a necessidades de registrar nas cavernas os objetos. De acordo com Grossi, (1990, p. 36). “As primeiras formas de representação do mundo foram figurativas. E algumas formas de escrita permaneceram fixadas na forma pictográfica, como por exemplo, na escrita chinesa, com os seus quase quatro mil anos de idade”

Já a segunda fase, a escrita ideográfica, se desenvolveu a cerca de seis mil anos atrás na Antiga Mesopotâmia, um dos inventos na progressão até a escrita alfabética, agora usada mundialmente.

Conforme Cagliari (2010, p.93) “a fase ideográfica se caracteriza pela escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas”. Esses desenhos com o passar do tempo foram perdendo alguns traços surgindo à evolução do alfabeto. Essa terceira fase é assinalada pelo o uso convencional das letras. Cabe aqui enfatizar que o alfabeto para chegar ao modelo predominante passou por grandes mudanças.

Nesse sentido, pode-se dizer que escrever é representar graficamente por meio das letras, ou seja, de palavras, o que pensa. Escrever é deixar as expressões fluírem. Não se deve, portanto, forçar a escrita, visto que ela acontece de forma natural, processual. Não esquecendo ainda, conforme pondera Ferreiro e Teberosky (1999), que a aprendizagem da leitura e da escrita se inicia muito antes de a criança entrar na escola e sem mediação do ensino formal.

Incontestavelmente, a leitura, assim como a escrita é uma construção necessária em todas as práticas do dia-a-dia, conseqüentemente, devem ser viabilizadas pelos professores,

ações que proporcionem o florescer desse mundo mágico em cada indivíduo, oportunizando assim o desenvolvimento de habilidades pertinentes as demandas da sociedade atual.

A escrita é algo com o qual nós, adultos, estamos tão envolvidos que nem nos damos conta de como vive alguém que não lê e não escreve, de como a criança encara essas atividades, de como de fato funciona esse mundo caótico e complexo, que nos parece tão familiar e de uso fácil. (CAGLIARI, 1994, p.96).

Para Carvajal Pérez e Ramos García (2001, p.50):

A escrita é uma construção cultural útil para registrar e recordar experiências, acontecimentos, representações culturais, manifestar sentimentos, emoções, fantasias, para construir diferentes interpretações da realidade pessoal, social, cultural, política, científica etc.

Nessa lógica, a escrita permite aos indivíduos o desenvolvimento de uma maior consciência sobre os fatos, permitindo assim a estruturação do pensamento. A mesma garante o registro das ações e pensamentos humanos. Na mesma linha de pensamento dos autores anteriormente citados, Soares (2003, p.79) assegura:

A escrita se apresenta como um conjunto de habilidades adquiridas no campo linguístico. Para que isso aconteça é necessário relacionar as unidades de sons da fala aos símbolos gráficos, e para completar preciso ter habilidade de expressar as ideias sabendo organizá-las na língua escrita.

Destarte, é através da escrita que o ser humano se habilita a transcrever a fala, no entanto, deve-se transcorrer a uma série de características discursivas da língua escrita, uma vez que se fala de um jeito e escreve-se de outro.

Ferreiro (1980) aponta que:

Existe um processo de aquisição da linguagem escrita que precede e excede os limites escolares. Precede-os na origem; e os excede em natureza, ao diferir de maneira notável do que tem sido considerado até agora como o caminho “normal” da aprendizagem (e, portanto, do ensino). Numa sociedade alfabética, ninguém ensina as crianças como escrever silabicamente, no entanto elas inventam esse tipo de escrita construindo ao mesmo tempo um poderoso esquema interpretativo.

Afirma-se ainda que a criança passe por uma série de etapas ordenadas antes que compreenda de fato a natureza do sistema alfabético, e cada passo se caracteriza por esquemas conceituais específicos, porém, essa evolução só é possível quando as atividades de escrita realizadas em sala de aula possibilitam a criança a pensar sobre sua própria escrita.

Estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky na obra “Psicogênese da língua escrita” (1999) evidenciaram um novo olhar para o processo de aquisição da escrita. Direcionadas pelo construtivismo de Piaget, seus estudos foram e continuam sendo, fundamentais para que se compreenda as produções escritas das crianças.

Para as autoras citadas, (1999), a criança em seu processo de desenvolvimento sobre a escrita, escreve espontaneamente e elabora algumas hipóteses, dentre elas: Hipótese de nome: imagina que apenas os substantivos podem ser escritos; Correlação escrita–imagem: observa a escrita como etiqueta do desenho e pensa que não dá para ler se não tiver gravura; quantidade mínima de caracteres: acredita que é necessário um número mínimo de letras, em torno de três para que se possa ler uma palavra; variedade de caracteres: a criança acha que é preciso variar as letras para que se possa ler. Para ela as marcas ou letras iguais numa palavra não podem ser lidas; realismo nominal: pensa que as palavras se escrevem de acordo com o tamanho do objeto, da pessoa, do animal da coisa em si. Exemplo: Escreve a palavra elefante com muitas letras porque é um animal grande e a palavra formiga com poucas letras porque a formiga é pequena.

Nesse sentido, é importante analisar as hipóteses que estão por trás da grafia de cada sujeito no processo de aquisição da escrita, objetivando conhecer o que o mesmo pensa sobre a escrita, compreender qual a lógica utilizada, perceber se sabe por que está escrevendo e para que está escrevendo. Assim, o papel do educador é estimular o educando a expressar suas hipóteses, problematizando as situações vivenciadas com questionamento, e desafiando-a a avançar.

As autoras mostraram ainda que toda criança passa por quatro grandes níveis de aquisição da escrita até que esteja totalmente alfabetizada. Assim, a criança busca a aprendizagem à medida que constrói o raciocínio lógico. Corroborando com esse posicionamento das autoras, Grossi (1990, p. 51) diz que: “[...] um nível é constituído por um conjunto de condutas, determinado pela forma como o sujeito vivencia os problemas no momento do processo de aprendizagem”.

Os níveis de aquisição da escrita foram dispostos por Ferreiro e Teberosky (1999) da seguinte forma: Pré-Silábico; Silábico; Silábico-Alfabético e Alfabético.

No primeiro nível a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, demonstra apenas a intenção de escrever através de traçado linear com formas diferentes, usando muitas vezes letras do próprio nome ou letras e números na mesma palavra. A interpretação da escrita é subjetiva, a criança representa as palavras de forma pessoal.

Ainda no nível pré silábico as crianças escrevem letras, bolinhas e números, como se soubessem escrever, sem compreensão das propriedades sonoras da escrita. Nessa fase a criança explora tanto critérios qualitativos (varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade) ou critérios quantitativos (varia a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras). Acrescente-se ainda dentre desse nível, algumas características que podem ser observadas entre as crianças: escrever ocupando toda a margem da ou espaço da folha; utilizar uma única letra para representar uma palavra; utilizar a mesma série de letras numa mesma ordem para escrever nomes diferentes.

Para superar esse nível, o educando precisa perceber que a escrita representa a fala, e que escrever não é desenhar, deve compreender ainda que a escrita não é uma representação direta do objeto, que o texto é construído por letras e que uma mesma letra pode ser usada duas ou mais vezes em uma mesma palavra.

No nível Silábico a criança começa estabelecer uma correspondência sonora entre grafemas e fonemas, ou seja, o seu registro já faz relação entre grafia e som. Começa a perceber a relação entre o registro gráfico e os aspectos sonoros da fala. A estratégia mais comum utilizada pela criança é colocar cada sílaba falada com uma marca escrita.

Ferreiro, (1999, p.213) postulou que:

Quando a criança apresenta escrita silábica trabalha com hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, no entanto, para ela cada letra corresponde a uma sílaba, assim utiliza-se de quantas letras forem às sílabas das palavras e a hipótese silábica é uma construção original das crianças que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto.

Efetivamente, neste nível a criança precisa perceber que a letra é a menor unidade da palavra, entender a vinculação sonora das palavras, fazer a relação entre fonema (som) e grafema (escrita), palavras diferentes se escrevem de maneira diferente, superar o critério usado de variedade de letras e número mínimo de letras e de que uma letra pode se repetir numa palavra.

No nível Silábico-alfabético, existe um conflito entre a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas. Em alguns momentos a criança irá escrever uma letra para representar a sílaba e em outros momentos a sílaba completa, ou seja, escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, acreditando que para escrever uma sílaba é necessária apenas uma letra ou já apresentando traços da escrita alfabética.

O educador deve possibilitar situações com conflitos que levarão a criança ao nível seguinte, fazendo uso de estratégias lúdicas como cruzadinhas, jogos, textos com tiras, leitura de textos e produções diversas, contar o número de palavras de cada frase, montar textos a partir de palavras e montar palavras com letras móveis.

O período silábico-alfabético é marcado pela transição entre os esquemas construídos anteriormente a serem abandonados e os esquemas futuros que virão ser consolidados. As crianças começam então, a descobrir que a sílaba pode ser escrita de forma diferente com uma, duas, três ou mais letras, que o som não garante a identidade de letras, nem a identidade de letras a de sons, partindo assim para o nível alfabético.

No nível alfabético o aluno compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores do que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise grafia/fonema das palavras.

Mesmo a criança estando nessa fase isso não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas. A partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas com a escrita, no sentido escrito. Parece-nos importante fazer essa distinção, já que amiúde se confundem as dificuldades ortográficas com as dificuldades de compreensão do sistema de escrita. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p. 213).

Neste nível a criança precisa compreender que a escrita é uma representação da fala, entretanto, algumas palavras não podem ser escritas da mesma forma que são pronunciadas. Nesse período o professor pode instigar os alunos a observarem as normas convencionais da língua, propondo situações que os levem a conhecer as regularidades e irregularidades da língua.

Nessa premissa, observa-se que nas fases de aquisição da escrita citadas acima, o registro escrito da criança não é resultado de uma mera cópia, e sim um processo de construção individual. Assim, ao avanço de um nível para outro só poderá ocorrer quando a criança se deparar com situações desafiadoras as quais o nível em que se encontra não puder explicar, então ela irá elaborar novas hipóteses.

Nas observações realizadas na escola lócus dessa pesquisa, foi possível constatar que o desafio não está apenas a ensinar a ler e escrever e sim em fazer os alunos gostarem dessas práticas.

Verificou-se o quanto o universo da leitura e escrita é explorado no dia-a-dia da sala de aula, não só na disciplina de língua portuguesa, mas em todas as outras disciplinas. Tanto a Secretaria de Educação do Município, como a própria escola disponibilizam uma rotina

pedagógica com vários tempos de leitura e escrita. Essa rotina conta com momentos de leitura livre, individual, coletiva, compartilhada, exemplar, reescritas de textos, entre outras estratégias, que envolvem a ludicidade a partir de vários gêneros textuais. Para isso, o trabalho é desenvolvido através de músicas, parlendas, cantigas de rodas, jogos, brincadeiras, contação de histórias.

Segundo os professores pesquisados o processo de aquisição da leitura e escrita é um momento mágico na vida do educando, pois, embora os alunos cheguem à escola com ideias sobre essas práticas, demoram algum tempo para entender como estruturam as palavras. “É um trabalho de formiguinha, porque primeiro o aluno precisa saber diferenciar uma letra, de sílaba. Depois precisa compreender que para formar palavras é preciso unir as sílabas, compreendendo os sons[...]” (PROF. 1).

Existe um trabalho de monitoramento da evolução da leitura e escrita das crianças do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Mensalmente, a coordenadora da instituição faz um diagnóstico de Psicogênese com o teste das quatro palavras e uma frase, como também audiências de leitura para verificar o nível que as crianças se encontram. A partir desse resultado, é pensando nas intervenções em sala de aula.

A instituição pesquisada, conta ainda como uma das estratégias para desenvolver a fruição leitora, de um projeto intitulado “Era uma vez o universo das obras literárias”, onde durante os bimestres são trabalhadas diferentes obras, que são apresentadas nas culminâncias. As apresentações ocorrem de forma dinamizada e atraente, onde os estudantes caracterizam-se dos personagens e apresentam as mensagens principais de cada livro.

Mesmo que a leitura e escrita ainda sejam vista por alguns indivíduos como um “tarefa chata e mecânica”, sabe-se que algumas práticas pedagógicas podem ser facilitadoras desse processo. Nesse sentido é preciso ir muito além da codificação e decodificação do sistema lingüístico, é preciso estimular as crianças a pensarem sobre suas produções, sentindo-se parte delas.

Com as práticas observadas durante as visitas à escola constatou-se ainda, o quanto o processo de aquisição da escrita e da leitura pode ser explorado de forma agradável, a partir de ações que instiguem o educando a participar, pensar, refletir, como jogos, brincadeiras, histórias, cantigas de rodas, entre outros. “Ouvir histórias também é uma forma de ler”. (CAGLIARI, 2010, p.137).

Para os professores pesquisados, efetivas e contínuas práticas de leitura e escrita oportunizam várias outras habilidades no desenvolvimento das crianças, citem-se como

exemplo a ampliação do vocabulário infantil, comunicação mais expressiva, facilidade para escrever textos e compreender as situações cotidianas.

Aduz-se, portanto, que as instituições de ensino devem propiciar aos educandos momentos que possam despertar o gosto pela leitura, interesse pela escrita, o amor ao livro, a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler, buscando sempre resgatar o valor dessas práticas, como ato significativo, prazeroso, e requisito para emancipação social e promoção da cidadania, tendo em vista, que a leitura nunca se fez tão necessária nos bancos escolares.

CONCLUSÃO

Ler não é apenas um desvendar de palavras ou uma decifração de letras, é muito mais que isso, é florescer para um mundo envolto de mistério e abstrair a sua essência. É ainda uma tarefa de assimilação, de apropriação de sentidos. Já a escrita é uma prática indissociável a leitura, na qual exige criatividade, destreza e habilidade para lidar com o mundo infinito das palavras. Entende-se, com isso, que a criança que desenvolve o hábito de ler terá uma maior afinidade para escrever, posto que, a leitura reflete de forma positiva na escrita e é a realização do objeto da mesma.

Verificou-se durante a pesquisa que o maior desafio hoje não é ensinar o aluno a ler e escrever, mas fazer com que aprenda a gostar dessas duas práticas e descubra o prazer pela viagem oportunizada por uma boa leitura, ou seja, não é suficiente a criança saber ler, compreender, escrever, é necessário que sinta contentamento nas suas produções e se veja refletido nas obras para que assim possa senti-las em seu contexto.

Nesse sentido, é imprescindível o professor ir além da codificação e decodificação do sistema lingüístico, é preciso estimular as crianças a pensarem sobre suas produções a partir de ações que proporcionem o resplandecer desse mundo mágico, pois, efetivas e contínuas práticas de leitura e escrita possibilitam várias outras habilidades no desenvolvimento das crianças, como a ampliação do vocabulário infantil, comunicação mais expressiva, facilidade para escrever textos e compreender as situações cotidianas.

Para isso, a Escola pesquisada utiliza como estratégias, momentos lúdicos dentro da própria rotina de aula, envolvendo um trabalho com diferentes gêneros textuais, músicas, parlendas, cantigas de rodas, contação de histórias e Projeto de leitura e escrita.

Depreende-se, portanto, que, ler e escrever propicia ao aluno o aperfeiçoamento de seu conhecimento sobre o mundo, oportunizando que o mesmo questione, analise, crie e observe

com mais entendimento os fatos. Nesse sentido, compreende-se que o despertar da leitura e escrita na infância está intimamente ligada à qualidade das práticas ofertadas pela escola e pelos docentes em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Celso. **A leitura como paixão**. 1.ed.Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, vol. 2 – Brasília, 1997.
- CAGLIARI. Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 1º Ed, São Paulo: Spicione. 2009.
- CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. 1. Ed, São Paulo: Ática. 2010.
- FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 29. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1992.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática dos níveis pré-silábicos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994
- MEIRELES, Cecília. **Criança, meu amor**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo e Oliveira. CASTRO, Juliana Cabral de. **Usando textos na sala de aula**: tipos e gêneros textuais. 3ª Ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008.
- SILVA, E. T. da. **A produção da leitura na escola**. São Paulo: Ática, 2000.
- SIMONETTI, Amália. **O desafio de alfabetizar e letrar**. Fortaleza: Imeph. 2007.